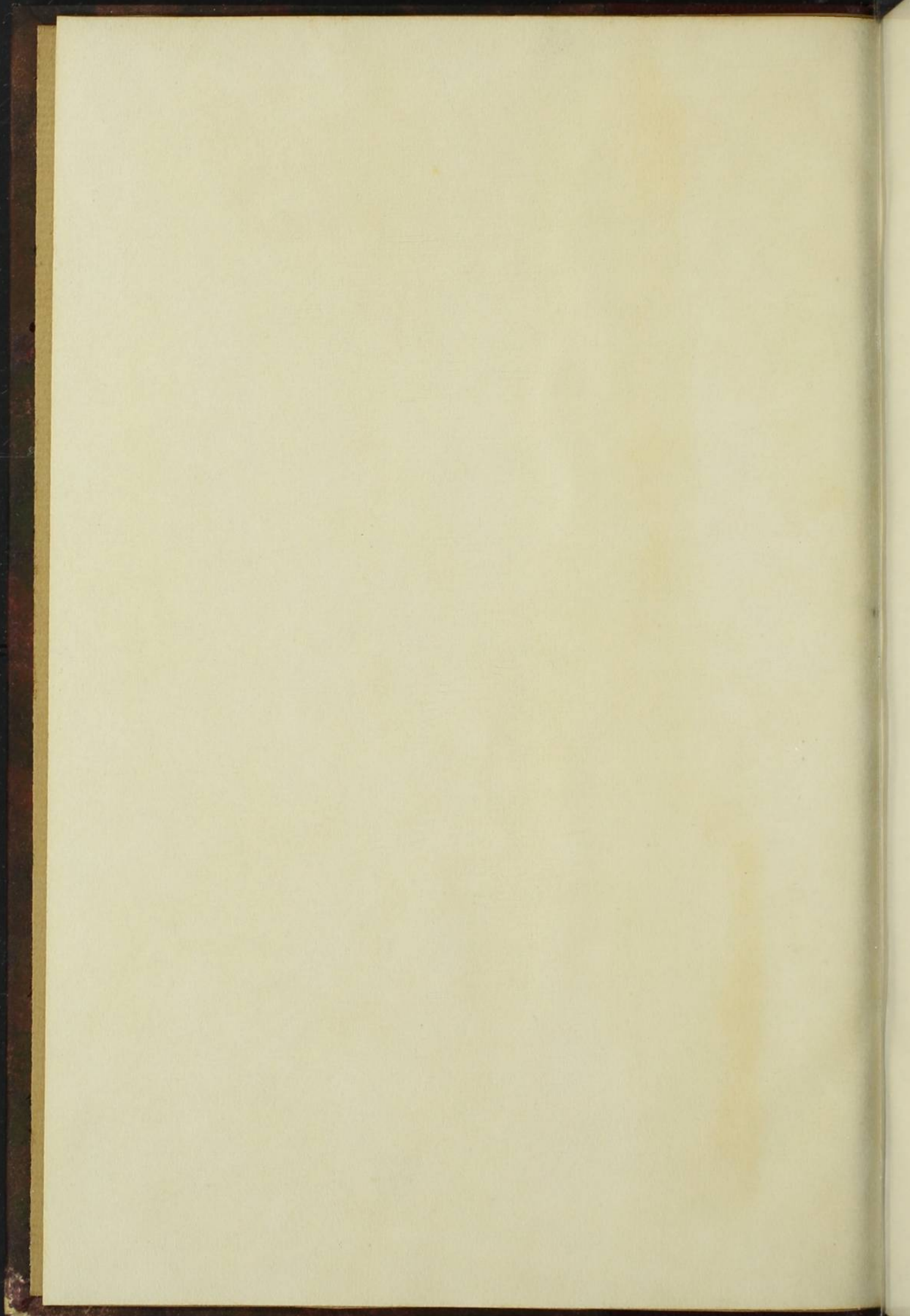
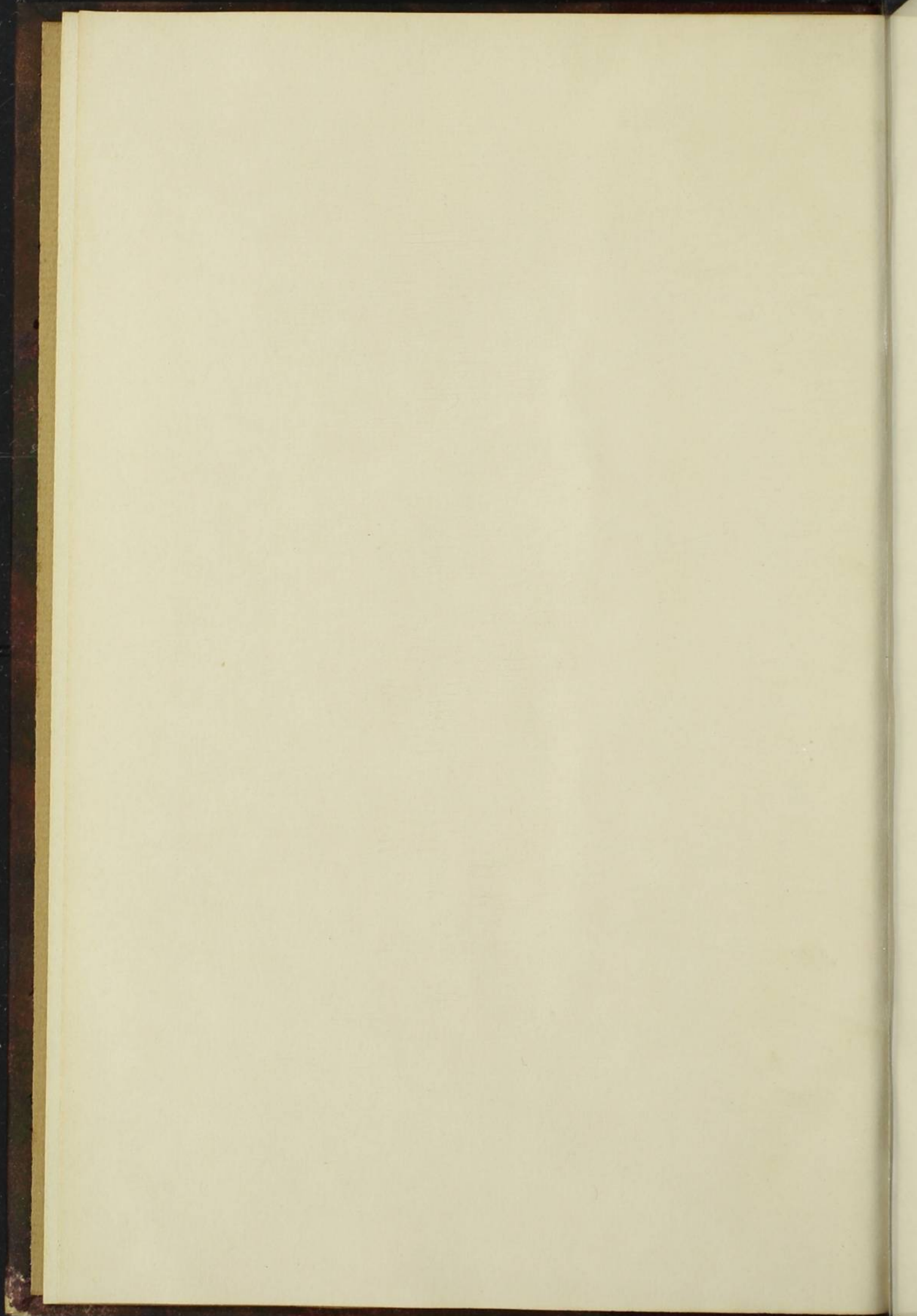


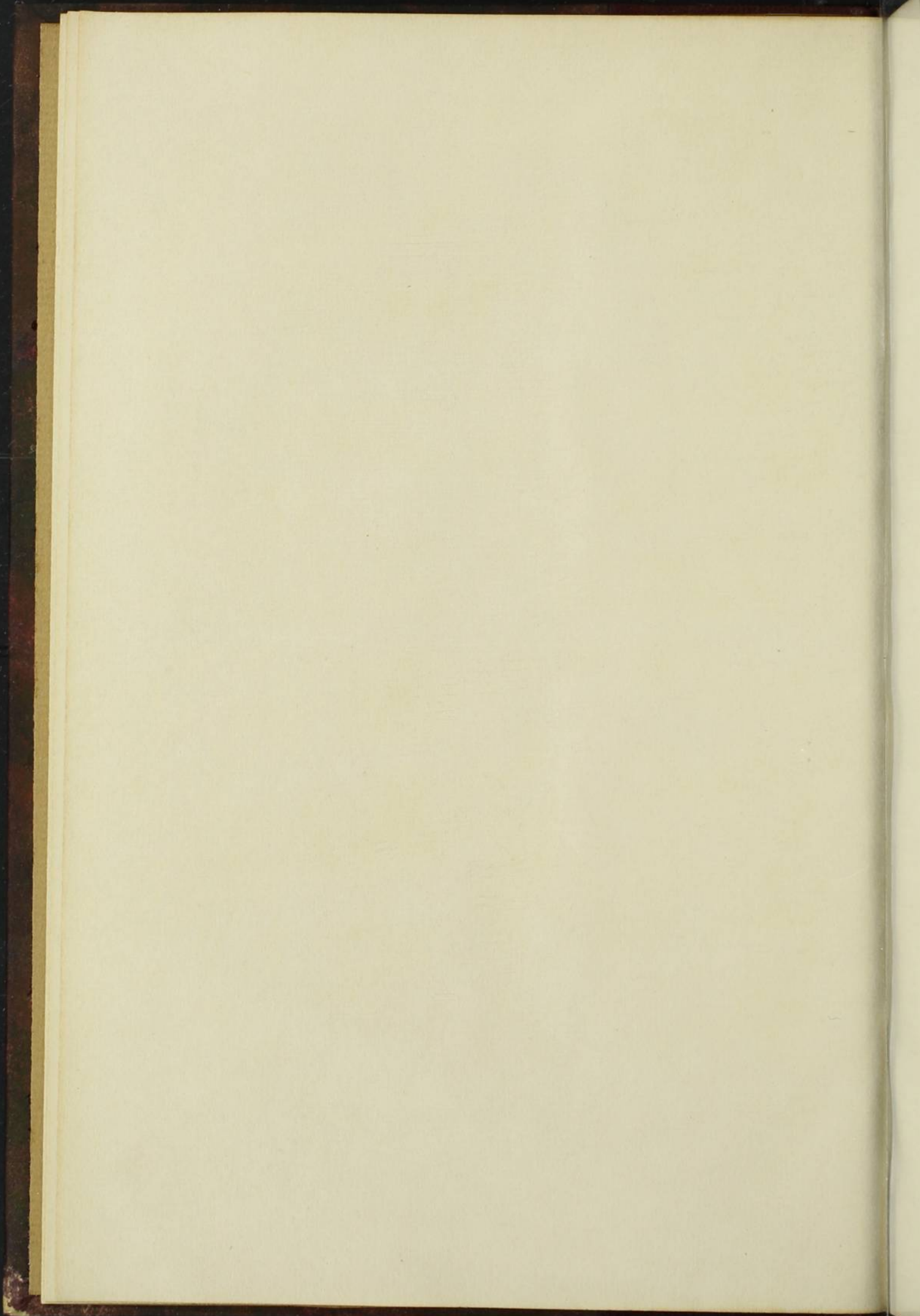
Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



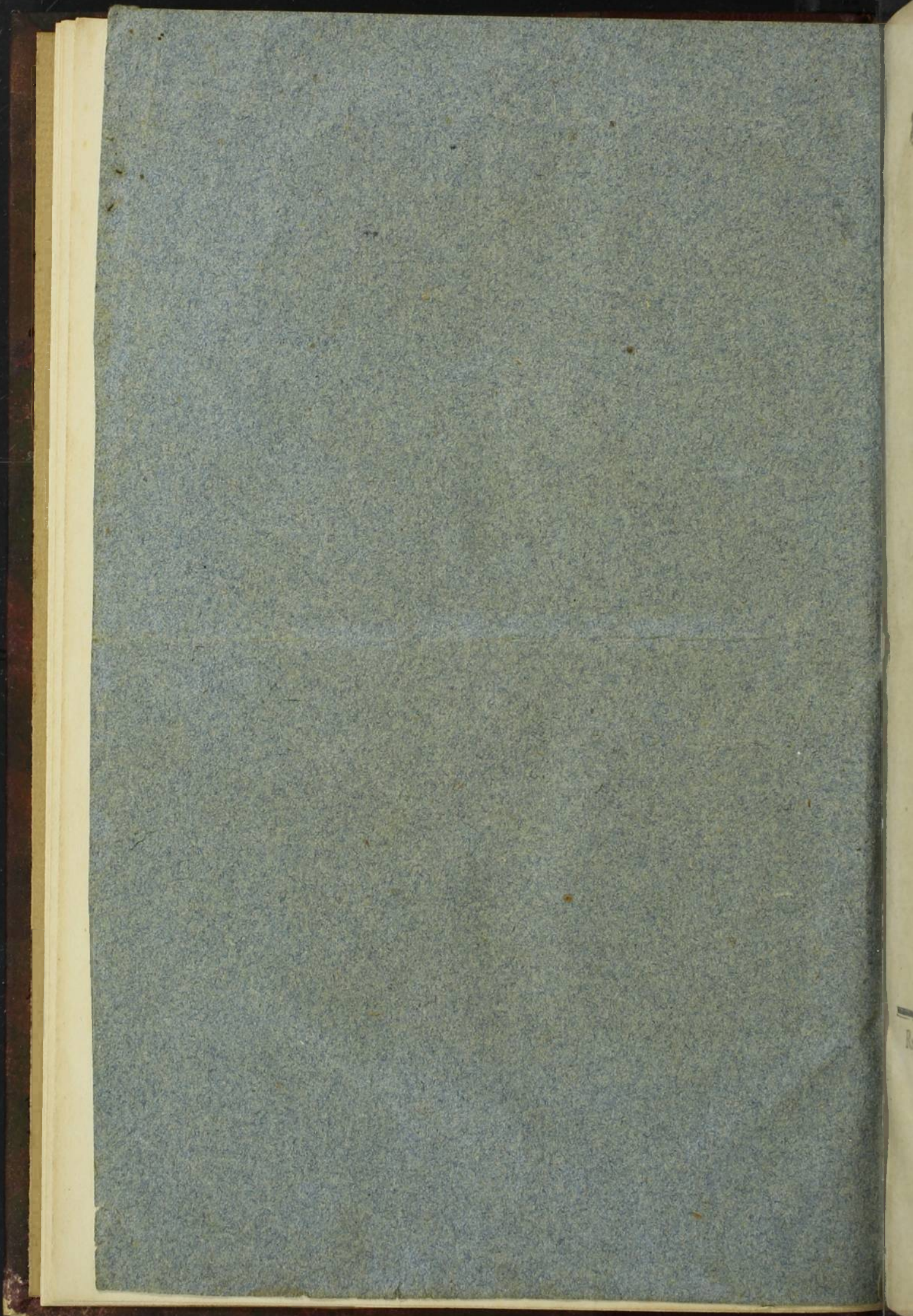




Autor: Antonio da Cunha Souto
Maisei Gomes Ribeiro

nacido no Rio

S. Blake 1/147 e Innocencio 1/120



1800

1800

1800



1800


1800

1800

Honteux de m'ignorer,

Dans mon être, dans moi, je cherche à pénétrer.



 omentos ha em que todo o Cidadão deve pagar ao seo Paiz o tributo das suas reflexoens, diz Condorcet: adiantando pois o mesmo pensamento, e não sendo esta quadra vertiginoza a estação do silencio, assentamo-nos na cadeira Curul simples, e modestamente, sem distincção alguma sem condecorações exteriores, sem lictores, sem feixes de varas.

A oppozição de Appio não nos intimida, as promessas capciozas de Larcio, e Valerio por certo não nos acarearão, e ao apologo de Agripa, temos Junio que responda.

Quer o Senado a nossa paz?

Proclame por um Edicto a abolição da *escravatura*; elejamos nós os nossos Tribunos que então depois de sacrificarmos aos Deozes

sobre a montanha voltaremos em triumpho para Roma.

O mal cresce; importa tratar do remedio, e não encarecer o perigo.

Longe de nós os covardes, longe de nós os escravos, longe de nós os renegados, os apostatas, os relapsos: venhão os livres cruzarem-se com nosco para esta batalha da Liberdade: já distinguimos a columna de fogo que tem de guiar nossos passos, atravez de arido dezerto, para a terra da Promissão; já distinguimos a montanha de Horéb, e dentro em pouco veremos a *Çarça ardente* da qual troará aquella voz tremenda que tem de fazer baquear as taboas da Proscripção.

Para os infelizes as nossas palavras serão de amor, e de compaixão, para os traidores de desprezo, para os tyranos de terror, e de morte; e muito sentimos não podermos empregar certos termos chulos, bem adequados para caracterizar esses insignificantes torpes, e obscenos que á força de vilanias, meneião na Republica os cargos que devera ser o galardão do honesto, e virtuozo.

Inquietos, e perturbados com a passagem, e tropel das intrigas, e maquinações que vão, e que vem, que se atravessão, e

que se cruzão, e que no seu transito deixão os vestigios da sua natureza desoladora, augouramos triste porvir.

Quizeramos finar nossos dias á sombra das *acacias* que o instincto da Liberdade plantou nesta nossa terra, e não entre esses espinhos que nascem, crescem, espigam, e amadurecem para vergonha nossa, e que breve farão deste nosso ninho prado salaro, e esteril.

Escrevêmos para o Povo: a tyrannia que obra, ou que consente, com os andrajos da purpura, ou sem ella, essa não espere de nós palavras lisongeiras: desprezamos a sua mão com a dadiva, o seu braço com o poder: os seus ouvidos não escutarão de nós frases aduladoras, os seus olhos de balde se abrirão para nos impor respeito, a sua boca para a promessa, o seu coração para o affecto.

Não incensaremos o Idolo seja cêpo de pau, ou cêpo de Ouro.

Se em todos os tempos se deve fallar a verdade aos Povos, e aos Reis, para que estes conheçam os seus deveres, aquelles os seus direitos, nesta quadra calamitosa, é mais que um dever, é uma virtude,

desprezando a ira dos escandecidos, o punhal do assassino, o veneno do covarde, fazer soar alto, e bom som as obrigações dos Reis, e as regalias dos Povos.

Quem ha por ahi que se não enfastie do presente, que não tema o futuro, que não olhe desconfiado para os outros, que não esmoreça desgostoso?

Que podemos nós esperar destruida a disciplina na tropa, a subordinação no Estado?

Que podemos nós esperar quando a nossa vida, a nossa Liberdade, a nossa fazenda estão á mercê de um punhado de devassos?

Tudo vai a pique, as horas urgem, avante Povo! por ti bradámos, e a ti invocamos, tu Povo, que possues o futuro sem teres o presente, orphão, e pobre, mas intelligente, e forte, marcado nas costas com o ferrete de escravo, e tendo no coração as premissões do genio, emancipa-te, e com o sangue dos tyrannos rega a arvore da Liberdade.

Piza aos pés a estatua de Nabuco, converte-te da idolatria, muda de vida, reforma os teus costumes: para esta Cruzada correremos nós com doutrina que te deve per-

suadir, concorre tu com o entendimento para perceberes: e se das palavras teremos de passar ás obras, ao primeiro reclame, nos encontrarás na vanguarda, valente, animoso com o arco na mão, a aljava, e settas pendentes do hombro.

Se as nossas palavras forem dissonantes, e escabrozias, ainda assim não as retiraremos: tratarémos que o nosso estylo seja tão claro que o entendão os que não sabem, e tão alto que tenham muito que entender nelle os que sabem.

Analizando o catalago das nossas mizerias em nenhuma conta temos o que de nós por ventura dirá a maledicencia: as sympathias dos desventurados, e a philosophia dos proceres, nos compensarão por certo das argucias do egoismo.

Quando a mão de Deos peza sobre os Monarchas, e o throno vacilla, appella-se então com humildade, e respeito para o auxilio do Povo: nessas horas de tribulação conhecem os Tiberios que a força reside no Povo: promette-se-lhe a Liberdade por ser este o beneficio de que se faz maior cabedal, mas passado o perigo, he sempre contra as Liberdades do Povo que os Ministros dos Reis,

os Reis mesmo apesar da sua inviolabilidade, levantão as taboas da Proscrição; fraudes subterfugios, baixesas, traições, vilezas, tudo se emprega, tudo se adopta, todas as infamias se monopolizam para illudir as promessas mais sagradas.

Cessémos por uma vez de guerrear por o que não havemos de gozar: abandonémos á sua nullidade esses *Senhores*, cujas promessas são tão despreziveis, quão insuportavel a sua tyrannia: quando os Volscos baterem ás portas de Roma, e o Senado ordenar as levadas, não nos alistemos: quando os Questores vierem arrecadar o censo, não o paguemos.

Querémos ver as galhardias dos *Céleres*, queremos ver como os *Salios* á sós defendem os broqueis Sagrados, a *Ancilia*.

Querémos ver esses Ajax, esses Capitães das cem batalhas, disputarem a Achilles o escudo de Ulisses.

Que um sombrio respeito seja o acolhimento que nesse momento façamos ao Monarcha; (dizia Mirabeau na Assembleia Constituinte, quando se annunciava Luiz 16) o Silencio dos Povos é a primeira lição dos Reis.

Basta de Silencio.

Devemos despertar, devemos saber o que somos, o que podemos, o que queremos.

O Cidadão tem querer, e quando o Povo quer, os Lictores tremem, os Decemviros empalidecem, os Tyrannos fogem.

Ora Sus, gente livre, que a *esperança da Liberdade está na vossa lança.*

Perguntemos a este Larcio quem o nomeou Dictador?

Se esta nossa terra, se os nossos foros, e liberdades, são emphytense dos Braganças, ou fateozim dos Cabraes?

Chamemos ao jury Nacional os Polignacs, e condemnados subão não a ladeira do Castello de Ham, mas sim os degraus da forca — e Carlos 10.^o embarque-se, não no Porto de Cherbourg, mas sim na Canôa da Lagca Styge, e caminhe acompanhado com o ladrar do cão cerbero lá para as profundas regiões do Averno.

O Itenerario é facil — a topographia do Caes do Tojo não é intrincada — aos Ezaús

que vendem a Liberdade por um prato de lentilhas não lhes vai mal a strangulação.

As *necessidades* sem muito errar descrevem uma linha recta.

A apostasia em politica, he huma hydrophobia que só se cura com a corda no pescoço, e o Carrasco em cima dos hombros.

Pensamos assim: não temos opiniões homisiadas: ellas acodem bem, ou mal aos bicos da penna: os nossos Pares, os Feciaes da Liberdade que nos deem o seu *veredictum*.

Receio! de que?

Contemplações! com quem?

Inviolabilidade! aonde?

Se a espada de Damocles se desprender para nos cortar a cabeça, antes da operação decepante, dirêmos como Danton, ao Carrasco.

Mostrai a minha cabeça ao Povo: vale a pena.

Aniquilêmos radicalmente o poder do Sena lo: não expulçamos Tarquinio para se-

rem livres sós os Patricios; pois que? hão de ir os Coriolanos ajudados por nós (porque sem nós não irião lá) ás terras de *Antium*, e hão de appropriar-se a si sós, e aos seus partidarios os gados, provisões, e despojos? e nós que pelejamos valentes, e a peito descobertos, e não no Quartel General, alem de nada recebermos, porque não somos mercenarios, porque combatemos por verdadeiro amor á Liberdade. por odio á tyranhia, e não como os Suissos para termos indemnisações, e gratificações; havemos de rojar as cadeias que quebramos nos outros, e finarmo-nos á mingoa?

Arréda!

Donde veio a esses varões assignalados ha pouco por a sua miseria, esse ouro, e essa prata?

Donde lhes veio esses luzidos espelhos, esses perfeitos quadros, essas custosas sedas, esses crespos volantes, essas elasticas ottomanas, esses sumptuosos tapetes com que paramentão as suas habitações?

Como passaram esses Varões da alta agua-furtada, ou da baixa sobre-loja aos Paços de Cesares?

Donde lhes veio o dinheiro para de noite se allumiarem com brancas ceras, e flam-
mantes luzes, esses homens que d'antes re-
cebião fusca claridade de alguma vella de ce-
bo affogueada de morrões?

Como passaram esses Varões do timido
bruxulear do fetido azeite de peixe ao lam-
peguejante clarão do gaz?

Porque metamorphoze largaram os taman-
cos, a jaqueta de belbutina, a pelle de xibo,
a bigorna, o covado, o balcão da taverna?

Sabes como? nós te vamos dizer.

Illudindo a Nação com tréas vis, os
Doctores do Pinhal da Azambuja, se apre-
sentão rotos, e descalços, e esses Ladrões
Cadimos, fortes com a protecção do Verres
Imperial, certos da nossa boa fé organizão
a sua compinhia devastadora; a ella correm
os salteadores, os assassinos, os traficantes,
os ratoneiros, os roubadores, os corsarios, os
bandoleiros, os piratas, e no continente e
alem do mar esses vandalos tudo roubaõ, tu-
do talaõ, tudo assolão, tudo damnão, não
respeitam a propriedade; invadem os cofres
publicos, assenhoreião-se dos particulares,
profanam os templos, roubam as Igrejas, in-

cendeão o Thesouro, dilapidam aonde achão,
e no fim impudentes exclamão

Emigrar sim, mendigar não.

Que se tornou em proverbio.

A peita, a concussão, o peculato, o soborno, o assassinato, as ameaças, a pouca vergonha tudo aproveita a estes Cannibaes!

Para elles o luxo, a magnificencia, a abundancia, e a impunidade, para nós Povo, a nudez, a miseria, a fome, os estragos, a desolação, os calabouços, as enxovias, as masmorras, os patibulos, e as metralhadas.

Deos he Deos, Mahomet he o seu Propheta: Cre, ou morre, é a doutrina do Koran.

Bella Liberdade! Bello Codigo!

Se elle não fôra, não se banquetearião esses insignificantes com opiparos manjares, e custosas iguarias, á custa do suor do escravo, que por escarneo chamão livre!

Se elle não fôra não seríamos nós a ca-

da passo salpicados da lama do rodar dos seus coches!

Maldicção sobre esses aventureiros que se cruzaram não para a liberdade, mas sim para a pilhagem!

Compaixão sobre ti, Povo, que nimiamente credulo, de braços abertos recebestes, e affagastes os teus tyrannos libertadores que foram, e são, polvarinha que dá na Seâra, mangra que não deixa medrar os fructos, gorgulho que entra no celleiro.

Nem esperes por meios ordinarios allivio a teus males, só a tua resolução poderá fazer que um Rei fraco, não faça *fraca a forte gente*; embora se despenhe elle, e os seus, se assim lhe apraz: previne primeiro, e se for surdo aos teus clamores, reprime com mão de ferro a cegueira do insensato, que não vê que nessa resignação que faz do poder nas mãos de um ministro ambicioso, e tyrannico, desmantella afeição salutar da sua inviolabilidade, desvirtua o caracter pacifico da Nação, aliena as sympathias, e faz crer na sua cumplicidade.

Accendemos este pharol para esclarecer, para advertir os navegantes dos desabrigos

das costas: não se arreceiem dos estragos que o delirio poderá produzir na ordem social; o raio trovejando em o meio das desordens do elemento restabelece o equilibrio; as queimadas fertilizam a terra; corta-se a parte gangrenada do corpo animal para salvar a vida; nas tempestades alija-se ao mar a carga do navio.

A nossa actual posição politica, radicalmente affectada em a sua origem, acalentada por dezalmada madrasta, emballada entre os vivos da vingança, alimentada com substancias corrosivas, tem por essa necessidade a que chamam — força das cousas — de dezábar: com predicados tão viciosos como se poderá ella sustentar?

A tyrannia só a maneja braço forte, e cabelludo.

La tyrannie ne Saurail resider dans vos faibles mains; votre conscience vous le dit encore plus haut que nous: ás gorduras balofas não é dado esmagar a Liberdade, o seu pezo faz ranger as taboas do throno que imperito architecto alevantou, e que só a mão mestre do Povo poderá consolidar.

Bem sabemos que nem todos podem go-

vernar, mas sabemos que nem todos sabem governar, e que todos sentimos a necessidade de sermos bem governados: o conhecimento do mal, e a urgencia da cura podem abalar o Povo irritado a sahir do seu marasma, e se o Povo se desenfrear qual será a mão possante, e forte, qual o prestigio, que encandee o tufão? quem se atreverá a dizer — eu escaparei — ?

Quando consideramos na vida que se usa, quanto attentamos que estes olhos que veem, estes ouvidos que ouvem, esta lingua que falla, esta mão que escreve, estes braços que se movem, estes pés que andão, e pizão, esta alma, este espirito que nos vivifica, este entendimento que tende á perfectibilidade, tudo isto é em nós um automato, o materialismo de uma maquina que um Rei, um Ministro, move á sua vontade, mal podemos deixar de amaldiçoar a nossa stupida ignorancia, a nossa humilde degradação, essa nossa barbara condescendencia.

Até quando ignorarémos que a força é o nosso direito, e a fraqueza nosso unico crime?

Quem nos déra a vara de Arão para a converter em aquelle dragão vivo, voraz, e

terrivel, que mastigou, ingoliu, e comeu as Serpentes dos Magos do Egypto em presenca do Rei Faraó.

Se por o passado se pode conjecturar do futuro, se por uma reverberação natural, e reciproca do que é, podemos ajuizar do porvir, se este nosso horisonte nebuloso, e melancolico por uma qualquer transformação se não desanuvea, se atravez desse escuro manto não lampear alguma estrella que por entre a negregidão contraste com a escuridade, qual o juizo por mais atilado que poderá statuir sobre o resultado da congregação, que no encontro do espaço essas duas nuvens carregadas de electricidades differentes, e com uma energia relativa ao grau de accumulção dos fluidos, produzirá!

Se uma simples evaporação, ou a elevação da temperatura basta para desenvolvero fluido electrico, em estado de combinação; como é possível que estas circumstancias reunidas deixem de dar logar a um despego abundantissimo da electricidade?

Não nos accuze a Synagoga: não negamos o tributo *devido* de Cezar — mas não queremos que a cohorte do Presidente nos conduza para o Pretorio, e entre os apupos do

escarneo nos obriguem com a cruz a subir o Golgotha, e de passagem avisamos Pilatos que a lavagem das mãos não lhe garante a sua inviolabilidade.

Com quanto não sejamos em demazia partidistas dos Reis, com quanto não sympathisamos com essa unidade privilegiada, todavia seremos fiel, e submisso ao nosso Rei, quando elle pozer a sua gloria na felicidade do Povo, quando porem elle antepozer o seu capricho ao bem-estar da Nação pessoa alguma será seu mais encarniçado inimigo, seu mais cruel accusador.

*Manus haec inimica tyr annis,
Ense petit placida cum libertate quietem.*

Como esperaõ estes homens que os deixemos progredir na sua retrogradação? acaso o progresso intellectual de uma Nação inteira recuará diante do querer de um homem! e o pedantismo d'essa facção campeará sobre nós?

Não consintas em tal, Povo!

Sabes tu o que é o despotismo de um Plebeo ataviado com as insignias da realza? quando mesmo somassemos os crimes do al-

tivo Tarquinio, do cruel Tiberio, do feroz Nero, do demente Caligula, do molle Sardanapalo, ainda assim não te déramos um computo aproximado, uma idea, se quer, remota do que é um villão com o governo na mão: e sabes quem é esse villão?

Um advogado sem reputação, orador sem eloquencia, politico sem habilidade, legislador sem conhecimentos, faccioso sem coragem, demagogo feroz, aulico desprezível, sempre dominado por uma ardente sede do poder, dotado de uma ambicção demasiadamente grande para o seu genio, teimoso em suas resoluções, terco em suas vontades, sombrio, colerico, invejoso, cruel, sanguinario, vingativo, sem a bravura que fascina, sem a amenidade que faz amigos, sem a opulencia que procura proselytos, sem a benevolencia que atrahe clientes, sem a constancia que anima!

Barricada as avenidas do Capitolio, e não te amedrontes com o *Va victis* do selvagem Brenno.

Convence-te da tua força, que em seguida turbaremos essas festas barbaras, essas danças ferozes.

Se o não fazes se quanto antes não debellas , do pinnaculo esse carniceiro , treme por ti , por teus filhos , por tua fortuna por tua liberdade : prepara-te a ires povoar os desertos d' Africa , as masmorras de S. Julião , e do Bugio , os calabouços d' Almeida , as enxovias do Limoeiro , e da Cova da Moura ; prepara-te para as forcas na Praça Nova , e no Caes do Sodré— Bem te prevenimos , bem te previne a voz publica —

Escuta-nos por piedade por ti , e não por nós.

Bem sabemos que a vida dos defensores do Povo é incerta , e precaria , assim convencidos nos apressamos em empregar nossos poucos dias no culto da Liberdade.

Não crêmos na necessidade da vida , mas sim na virtude , e na Providencia : a maldade dos homens , os crimes dos tyrannos , o ferro dos assassinos de certo não estorvarão a nossa devoção ; mais que nunca nos sentimos dispostos a estigmatizar os traidores , e á arrancar-lhes a mascara.

Quando attentos consideramos que a Liberdade que deveramos fundar agoniza , que aonde deveramos encontrar a justiça acha-

mos a impiedade; a desenvoltura, e não a temperança; o descaro, e não a modestia; a libertinagem, e não a decencia; que esta Nação se converteu em preza de meia duzia de facinoras politicos, sem fé, sem honra, sem probidade, sem precedentes que bem os abonem, que a corte, o parlamento, o exercito são a corrupção incarnada, que a venalidade está na ordem do dia, que o honesto que se recusa lançar mão de artificios infames, da torpe baixeza, da vil adulação, é perseguido, e calumniado, quando nisso attentamos temos confiança em ti Povo, porque não é creivel, que continues na tua indifferença pela sorte da Patria: os tyrannos contaõ demaziado com a tua paciencia dizem á boca aberta, que és um Povo fraco, e medroso, em verdade assim igualmente o pençamos ... mas todas as Nações tem instincto, a paciencia tem limites, a poltronaria um termo, e a vingança uma hora. Confiamos em ti.

Que triste sorte a de uma Nação que tem de renunciar aos principios da moral, e decorar as maximas de uma corte envelecida, para assim captar as boas graças dos cortezãos timoneiros do Estado, e alicerçar esses crimes que á força de abstracções, e de sofismas fazem da politica, um monstro sem coração, um idolo de ferro: nunca a

força bruta se erigiu tão audaciosamente em systema, nunca o materialismo se uffanou tanto da sua insolencia,

Vangloreiem-se embora aquelles que tudo sacrificam á gloria do seu Rei, e que no seu asquerozo entender, achão justo sacrificar um Povo inteiro aos interesses, e paixão de um só, ou de uns poucos; vangloreiem-se estes, que nós os admiramos, nos compadecemos da elasticidade da sua alma, e por felicidade nossa os não invejamos.

Passadas as horas do delirio vertiginoso, conhecerão elles que a gloria do seu Rei, he a sua vergonha; que a sua abundancia, faz a indigencia do Povo; que paga alguma compensação a grandeza do sacrificio, que indulgencias algumas diminuirão a enormidade da baixaza: elles conhecerão a final que só a Liberdade de um Povo é a verdadeira fonte da virtude, da ordem, e da estabilidade, e que a escravidão é a mai dos vicios, da fraqueza, e da miseria, e que só será bem quisto da Nação aquelle que contribuir para a sua gloria, e felicidade, e não o que trahe, e vende os seus mais caros intereses.

Quizeramos poder aplicar o Daguerre-typo a este nosso Panorama politico: quizeramos que uma lamina de bronze perpetuasse

as torpezas dos nossos Catuaes: ainda assim com esse *fac simile* as idades vindouras duvidarão que um Povo inteiro se deixasse aniquilar, que uma Nação virgem da sua energia, que ainda não tinha uzado a sua força primitiva em a mais pequena convulsão politica, se deixasse por tal forma algemar, e que meia duzia de homens despreziveis abafassem com o tropel das suas commodidades o grande arruido da mizeria em que todo um Reino arquejava, sem que uma voz se elevasse para abafar o *Delenda Carthago* do anti-Catão.

Elles pararão.

A Europa corre dezenfreada para a Democracia. Os Povos ja na sua maior idade dispensão as tutorias.

Os symptomas da transformação social desenvolvem-se: debalde se intentará reconstruir o partido para o governo de um só; as formas elementares desse systema não se encontram já.

Submetão-se essas testas coroadas a descerem sem violencia do pedestal não atei-mem deixem-se escorregar maciamente por essa descida, aliás (sem muito trabalho) correrão o risco de serem esfoladas em vida.

Na nossa Peninsula mesmo a Democracia desenrola a bandeira: as ideas vão alem dos homens.

A França, e a Inglaterra, deitão o machado aos pardieiros da antiga sociedade: as doutrinas as mais exageradas sobre a propriedade, a igualdade, e a Liberdade são proclamadas alto, e bom som em frente dos Monarchas que tremem por detraz dos sarilhos de soldados pouco firmes.

A republica existe: deveis combatella, ou reconhecella, dizia o General Dumouriez, (quando Commandante do exercito republicano na Belgica) aos Plenipotenciarios dos Governos absolutos: podêmos igualmente dizer » hum partido, e não pequeno de descontentes dessa nossa actual fórma de Governo, nasceu, cresce, e alastra-se, esse partido deve ou ser tolerado, ou combatido: se o tolerais elle se augmentará, se o combateis elle se exaspêrará.

Escolhei.

Existe um vicio radical na nossa organização, todos sentem a necessidade severa de extirpar as raizes desse mal; esse sentimento he a causa primaria, e unica das revoluções: os Povos não querem morrer abraçados com hum stoicismo tonto a uma má

instituição: compara o seu passado o com seu presente, descortina mesmo o futuro, e só se consulta o futuro, quando se sofre no presente.

Quando os Governos violão os direitos do Povo, quando a anarchia oligarchica ruge furioza, a legalidade democratica pode bem levantar a sua voz.

Nem Carlos 1.^o nem Luis 16.^o houveram subido os degraus do patibulo, se soubessem avaliar a necessidade especial de Governo que em aquellas respectivas epochas se encontravam um, e outro paiz.

Para que tanto alarido?

Para que tanta polemica?

O que significão essas palavras indecentes, esses epithetos afrontozos, essa turba indigesta de frases contrafeitas com que no parlamento, e na Imprensa, se alcunha o partido progresista?

Trate o Governo de verificar *praticamente* as reformas radicaes de que a Nação ha mister, melhore este seu systema desorganizador, mascare a sua compadricão, tenha, se quer, ao menos a virtude da hypocrisia, trate de merecer a estima da gente sizuda, não

alardeie tanto a sua concubinagem com essa gente devassa, fezes, e escoria da sociedade, verá então, que o partido progressista em vez de marchar em uma progressão ascendente, recuará em uma progressão descendente.

A submissão dos Povos para com os Governos é relativa. e não absoluta: convenção-se os tyrannos deste aforismo, penetrem-se os Povos do direito que teem de reagirem quando são mal governados.

O Portuguez só tem um mal real, o temor da morte: que mal te fica esta fraquesa, Nação, que fostes tão heroica!

Em Sparta a estatua da morte dava a mão á do somno, por isso Leonidas folgava no desfiladeiro das Thermopylas, sem se inquietar dos cem mil Persas que assoberbavão as montanhas d'Osa, e Pellion: *cearemos esta noute com Plutão* dizia elle, aos trezentos Spartiats, e esses bravos respondião risonhos ao convite de Leonidas:

La mort est l'eternel sommeil.

escrevião os Jacobinos sobre os tumulos, imitando os Gregos.

Não temas a morte, Povo! por nossa parte queremos que esses Despotas que escravizam a humanidade sofram as maiores torturas, que o seu supplicio seja lento, barbaro, irresistivel, que sobre suas desalmadas almas se assente ferro em brasa, que na medulla dos seus ossos corra chumbo derretido, que a tunica abraseada do Centauro se apodere de todos os orgãos da sua vida, que uma *coroa d'espinhos* cinja essas testas tão amantes do Diadema!

Que tormento é digno do monstro que no remanço do seu gabinete, lisongeadado com o turbulento cortejo de alguns devassos se apraz em estudar os meios de opprimir os outros? —

Que por ter meia duzia de granadeiros dissolutos folga em terrorizar hum Reino inteiro?

Que vê indifferente, gemerem os outros com tanto que elles, e os seus vivão commodamente?

Para bem ajuizarmos do Despotismo, para bem comprehendermos como elle corrompe todas as instituições sociaes, a leitura só não basta: nas ruas, e praças publicas é

que devemos estudar as suas monstruosas combinações, ver o jogo da sua machina quando se põe em movimento: é ahi que podemos por observações praticas analizar as suas differentes transições, esmiuçar, as suas innumeraveis diformidades, e contemplar as mutilações, que sem cessar elle abre com o seu scalpello nesta bella, e excellente forma do corpo social.

A industria abafada, o commercio stagnado, as colonnias desprezadas, e revoltadas, as letras mal tratadas, o deshonesto bem quisto, o exercito sem disciplina, as estradas cheias de salteadores, os montes de guerrilhas, as cidades sem policia, as provincias sem administração; o povo esmolando em cardumes, os servidores do Estado mal pagos a agiotagem apregoando com descaro o seu illicito commercio, a nobreza achincalhada, a Religião descuidada, um parlamento mal definido proferindo palavras vergonhosas, sustentando doutrinas miseraveis, um Governo incurioso, e ebrio psalmodiando o aniquilamento da Nação, um Povo sem coragem, que alardea com o seu silencio a sua adhezão á tyrannia; á anarchia chama-se ordem; á revolta legalidade; á traição fidelidade; ao perjurio, saudade; á iniquidade, justiça: assim prezencea uma Nação,

sem se mover, as obras do seu exterminio!

Insensata!

Do passado destruíram as instituições antigas, do presente nada remedião; do futuro não curão: entregues á sua propria corrupção, ao seu abominavel sacerdocio, os nossos *Senhores* bem se lhes dá do que foi, do que é, e do que hade ser: sem algum vicio amavel, sem alguma virtude obscura, profanam tudo: n'elles o desejo da Liberdade, é a sede da tyrania: independencia para elles, escravidão para nós.

Este symptoma de descontentamento que burbulha á superficie do corpo social, é o signal caracteristico da existencia de um mal profundo, e interior, que os nossos *Empyricos* pretendem curar com o seu pecimismo politico, com as decisões da policia Correccional, com os traçados dos seus *mamelucos*: provocação bufa, e caricata desse ephemero Governo, e que um unico momento de reflexão no Povo, bastava para lhe fazer custar cara tamanha inscencia.

Loucos! que não vedes que nas manifestações de qualquer mal ha sempre sua intermitencia, que ignorais que as febres do cor-

po politico tem suas paugas, e seus crescimentos, mas que passado o delirio o mesmo erethismo, e spasma centupla as faculdades da alma, e as forças do corpo!

Quem duvida da força bruta do Povo?

Abaixo este templo que a nossa infamia ergueu á Divindade de Claudio: gritaram os Bretões, e a Cidade de Camalodumo é arrasada, e reduzida a cinza: a guarnição Romana, e a Legião de Pitilio que correu em seu soccorro são massacradas em honra de Andraste, Deosa da Victoria.

A cabeça de Perennis, gritava o Povo ás portas de Roma: ahi a tendes lhe diz o Imperador, e aos empurrões deste, e empuxões daquelle é decepada a cabeça do ministro de Commodo, e sobre o corpo acephallo do ex-ministro são immoladas sua mulher, e filhos.

A Cabeça de Straford, gritaram os Inglezes, — ahi a tendes lhes diz Carlos 1.º

A cabeça de Favrás gritaram os Francezes ahi a tendes lhes diz Luiz 16.º

Nemeth yure seax, desembainhai as es-

padas, gritou o chefe Hengist na assemblea dos Anglo-Saxonios, e em seguida os Bretões regão a terra com o seu sangue.

Schild en Wriendt, perguntaram os Flamengos aos Francezes, e as ruas de Bruges nadaram em sangue.

Ciceri, perguntaram os Scilianos, e quem ignora essas historicas — *Vesperas Scilianas*?

A indignação popular faz por vezes erupções mais violentas, que, as que despedação as entranhas do Vesuvio: as paixões humanas como as lavas saindo deste volcão superam todos os obstaculos, derrubam as trincheiras, demolem as atalayas, tranqueiras, e bastiões do Despotismo.

As revoluções são o ultimo recurso do Povo, são a verdadeira legitimidade; sem representantes falla então a Nação por sua propria boca; tudo quanto diz é sublime, tudo quanto quer é legitimo.

Que heroico é o delirar de um Povo! pragueja o ceo, murmura a terra, marcha sempre — *vires acquirit eundo* — tendo em nenhuma conta prazeres, e perigos, esperanças, e temores; caminho direito, e no fim

o triumpho, e ao lado do triumpho a clemencia, que não podendo ser virtude dos Reis, a é do Povo.

Já que deixastes *Tullia* passar com o coche por cima do cadaver ensanguentado de *Servio*, já que deixastes os *Aquilius* lançarem mão das faxas Consulares, já que fugistes até á ponte *Sublicia*, arranja um *Cocles* que suspenda a passagem aos *Etruscos*, ou manda hum *Cordo* ao arraial de *Porsenna*.

Convidamos-te para esta Cruzada da Liberdade senão.

Tribunos plebis apello, et provooco ad populum, eum que tibi fugentis exercitus tui, fugientis senatus iudicium, iudicem fero.

Animo! Reina a ordem em Varsovia; os Turcos como diz Bonald estão acampados na Europa; o que esperas?

Musulmanos! abandonai o Koran, esse livro obscuro, confuso, susceptivel de mil interpretações, que a vossa cegueira tem como divino, e cuja doutrina para ser entendida precisa a cada passo do commentario de um Iman: abandonai esse codigo aonde vemos um Deos com os attributos da tyrannia,

todo entregue a flagellar o homem que não entende o inintelligivel.

Até quando consagrarás tu um profano respeito a esse Koran tam prenhe de blasphemias?

Empresta a lança de Ituriel, que tem a magia de destruir os encantos da mentira, e da lisonja, verás como depressa corrigirás os teus erros, e embargarás os passos aos teus extravios.

Deixa os tyrannos invocarem Nemesis; não duvides da victoria: tu triumpharás por tua superioridade nativa, por obediencia a huma lei fatal, que quer que de dous corpos em contacto, o mais forte vença o mais fraco: o diamante corta o vidro; o iman attrae o aço, e por que duvidas da cauza, negarás o effeito da attracção?

Estás mal constituido? constitue-te melhor:

Ouve-nos.

As Nações teem o direito de adoptarem a forma de Governo que mais lhes convenha: as Nações são um corpo real, e existente, os

governos são as modificações, o pensamento dos Povos, se na practica o não são, devem-no ser, porque a Lei não sobe do effeito á causa, mas sim desce do principio á consequencia: todo o poder dos Reis são delegações dos Povos, que por certo não quizerão alienar a sua Liberdade; fora nullo o contracto entre aquelle que dá tudo, e recebe nada.

Que recebemos nós dos Reis? nada.

Elles é que recebem de nós, e não pouco: cinco a seis mil cruzados por dia nos custa a nossa familia Real, e pagamos tanto para no fim serem — *Inviolaveis* — *Inresponsaveis* — de que nos serve pois um Rei? para que gasta esta pobre Nação tanto com hum espantallo, que só exprime huma tradição historica? um Rei, ou Rainha, que nada significa, que a cada passo se diz coacta, que jura hoje, perjura amanhã, que de dia diz uma coiza, á noite outra, de que nos serve esse espantallo!

Hum Rei da Suecia, mandava na sua auzencia a sua botta ao Senado — deixe-nos cá Sua Magestade o seu sapato, ou ainda o seu retrato, que tão impensante é um como o outro: para o nada que faz, custa-nos muito caro, não pode um Povo esfomeado pagar tanto.

Os Representantes da Nação Portugueza são as Cortes-Geraes, e o Rei; nós democratas não desnegamos os principios da Soberania Popular, e temos que se o Povo quiser despenhar qualquer Rei do throno, o pode fazer sem injoria: é aforismo, privilegio, direito natural do Constituinte revogar a seu beneplacito a Procuração.

Nações sem Reis algumas conhecemos.

Reis sem Nação, aonde?

Povo! meneia tres vezes a cabeça, reflecte.

Não tens um pulso para a espada, um hombro aonde encostes a espingarda, olhos para a pontaria, dedos para o gatilho?

Então salva essas victimas que os tyranos arrastão a sacrificarem no altar das Eumenides, salva esses Cidadãos que elles condemnão a beberem a cicuta.

Se os Reis se emballão com as orações que os Cromwells recitão em voz alta na Capella de Wite-Hall, se se lisongeião com as bsmollas que elles mandão distribuir, para que *Deos proteja a coroa, e saude de S. M.*

se os Reis se confião nesses hypocritas, não te confies tu

Equo ne credite Teucris.

Ensanguente-se embora o Throno, fique elle deserto, mas Cromwell não nos proteja.

Abre os olhos, Nação paralitica, e *Catalpetica*: não ouves o sibilar da Serpente que te quer enroscar?

Latet anguis in herbis.

Ves tu esse comprido sahimento, esse ataude? é a Liberdade que virgem ainda os carrascos vão emparedar; a sua bandeira ja roja o chão, os seus escudos ja estão quebrados; acudi depressa

..... á misera, e mesquinha
Que depois de morta será Rainha

Não tardeis em acudir-lhe.

Toma huma hora, uma só das vinte, e quatro que tem o dia, dá cada quarto dessa hora a quatro pontos de consideração, ao exame do quanto tens vivido — como tens vivido — quanto podes viver — como é bem que vivas.

Se não tocas a trombeta, Levita, para que dezabem os muros da Jericô, anathema sobre ti.

Se continuas na tua apathia, anathema sobre ti.

Assentados sobre as ruinas da Sion, com a cabeça baixa, os braços cruzados, os olhos chorosos, as faces cubertas de vergonha, lançaremos sobre ti, raça vil, e ignobil, o nosso anathema: como o velho Padre no saque de Beziers dobraremos o sino até que tenhamos enterrado o ultimo homem que se deleita na escravidão, e sobre esse ultimo pronunciaremos por entre o nosso agonizar, mas com voz clara, e intelligivel — anathema. —

Consulta a tua Estatua popular, o teu Penate, e aos insultos dos Hipparcos, responde como os Harmodios massacrando os tyrannos com amiadadas punhaladas; nem esperes, para o fazeres, a festa dos Panathaneos.

A Epoque das felicidades individuaes passou; as pequenas ambições, os mesquinhos interesses do homem não podem lutar hoje com a ambição geral das Nações, com o interesse da humanidade.

Navega o baixel já desmastreado, com vento tam contrario, sobre costa desconhecida: tenebroza é a noite, medonho o suzurrar da porcelloza tempestade, horrisona a celeuma da tripulação indisciplinada: abandonemos, se ainda for tempo, essa *Carta peregrina*, feitura de estrangeiros, que nos enganou, e em piloto conhecedor do erro estudemos outra mais exacta, para sabermos d'onde partimos, em que altura estamos, e aonde pararemos, e dado o cazo de naufragio conhecermos alguma ilha aonde abordemos. Em quanto alguns empregão affincadamente e por meras conveniencias, as forças da sua intellectualidade emlisongearem os flageladores da humanidade, nós iremos apostulando á prol da dignidade moral do homem, convencidos como estamos, que a humanidade não he hum matadouro pertencente aos magarefes, e que um Deos de misericordia, e bondade, não creou o homem á sua imagem, para que elle se arrastasse irracional de pai a filho de baixo da mesma serie de tyrannos: o homem seja qual for a sua posição Social receba do Ceo hum braço, e hum coração; o coração para as suas affeições, o braço para despedaçar as suas cadeias: funesto fôra o dom da vida se só temos de ser um cadaver para os empyricos fazerem as suas experiencias!

Peleijai verdadeiros Portugueses; a tua victoria melhorará os Reis, e se caíres, a tua queda animará os Povos; a tua dor será solenne, a tua desesperação angusta: encosta-te ás beiras da sepultura, mofo dos negros destinos; as ancias do teu finamento valerão mais que a gloria, e lá quando jazeres no sepulchro, o Espirito da Luz baixará, e levantará a louza do teu glorioso moymento, e os guardas espavoridos bradarão.

Ressurexit: non est hic.

Não vos fieis na vossa victoria, Governo: a mais estabelecida paz he tregua; quando cessão as baterias, então se fabricão as machinas.

Solta o teu grito, o teu *Alkalalá*, Povo, que elle echoará em todo o Reino: monarchiza-te Povo, e republicaniza os Reis: não queiras que o lavrador arando a terra, e encontrando os alvejantes ossos dos credulos martyres da Liberdade, solte descompassada gargalhada, e stygmatisa a loucura do Sacrificio, essa *aberração mental* dos Sacrificados: este despotismo ferrenho dos dementes que te acabrunhão não te peza? este continuo desacato que fazem de ti não te magoa? este tom emphatico, e ridiculo com que se dog-

matiza a tua escravidão, com que se prescrevem os teus direitos, com que se annulla a tua Soberania, com que se enlutece o teu presente, se obscurece o teu passado, se anniquila o teu futuro, não te darão momentos de sagrado furor para atassalhares esse plano libertecida?

Não renunciés os beneficios da Liberdade, solta os cães de fila que acossem esse touro no corro: acrisola com ademan de esforçado o teu apego á Democracia, a essa forma de governo, que está mais de acordo com a nossa dignidade moral; verás como os desafortados ficão ajoujados.

Convence-te, Povo, que só a Liberdade ennobrece, e illustra o homem, que só ella é o porto de salvação nos dias de tempestade, a arca santa nos dias de deluvio.

Convence-te que o Despotismo tudo infecta, e enlammeia, que exclue todo o nobre sentimento, qualquer existencia energica: não fiques, Nação, vilmente estendida por terra com a voz abafada, e o coração mirrado.

Acorda: Já os ultimos raios do Sol se deslizam sobre ti, Portugal, que apenas appareces no horizonte, sobre ti, que se diz exis-

tir, mas cujo epithaphio se vê gravado em teus edificios modernos, e não sobre as ruínas dos teus antigos monumentos: deixa por em quanto, os *Conicios*, aproveita essa hora escassa para fazeres desembuchar essas aves de rapina.

Não ouves tanger as trombetas, atabales, e charamelas?

Unamo-nos para a peleija: pezar temos nós que nas horas tremendas da vingança popular, os tyrannos fujão; e que, como Constantino, golpeiem os corvilhões dos cavallos, para não serem perseguidos; pezar temos nós, porque quizeramos o craneo de um para o mandar encastoar, e nelle bebermos em o primeiro agape da Liberdade ao exterminio dos Despotas, e traidores: assim em o banquete dos Longobardos bebia Alboin no craneo de Cunimundo, que fora Rei dos Gepidas.

Parece-nos cousa increivel, e impossivel que não nos dezenganemos: cançarmo-nos, affligirmo-nos, matarmo-nos, para as commodidades dos outros, e nem um passo darmos que melhore a nossa posição, é cegueira de mais; qualquer dia as parteiras Egyptanas que assistirem ao parto das Hebreas recebe-

rão ordem de torcerem o pescoço a todo o nascido que for homem, para por essa forma se destruir a casta de Israel no Egypto: o duro Faraó naturalmente quererá deixar aos seus herdeiros huma monarchia humilde, e servil, e como tema que os futuros sigão as pegadas dessa actual juventude que toda irascivel pullula, e brota, que se alvoroça á idea de Liberdade. e se alvorota á da escravidão, elle cuidará em affogar á nascença essa geração vindoura, que promette tanta robustez e virilidade, para só reinar sobre esta nossa raça de Parias, tropega, e cançada.

Defende encarniçadamente a tua dignidade, Povo, attaca com impeto os teus adversarios; que um só escape para contar aos que jogão por detraz da cortina, o teu triumpho glorioso, e a sua sanguinolenta derrota: mostra ás outras Nações que sabes defender, e prezar a tua liberdade, e esmigalhar os teus tyrannos.

« Em breve do minarete donde o pro-
« goeiro chamava os infieis ás suas orações
« nefandas, trocado em campanario, se ou-
« virão os sons harmoniosos do bronze cha-
« mar uma povoação a dar graças ao todo
« Poderoso de haver recuperado tão deliciosa
« terra do poder dos Sarracenos.

Brando vento impilla essas ondas volateis que pairão na atmospherã, mas se essas nuvens senão rarearem sobre o tufão das Antilhas, e o terremoto de S. Domingos trague o lupanar aonde se acouta essa meia duzia de monstros que nos querem flagellar, opprimir, e degradar.

Quando a Europa se curvava ao mais ferrenho, e insupportavel feudalismo, que os Palacios dos Reis erão Castellos fortificados, para os abrigarem da furia de soberbos senhores, que esses mesmos pequenos potentados, em continua guerra se fortificavão, para rechaçar as aggressões uns dos outros, no nosso Portugal não encontramos, nem seteiras, nem torreões, nem fossos, nem barbicans, e querem agora, que passou de moda, feodalizarem esta nossa terra?

Quando mesmo nos deitassemos a dormir, ainda assim não se realizará essa fatua, e ridicula pertençaõ.

O Povo que gritou em Ourique, e que fez emmarelecer a Belemzada, apezar dos *Publicistas de farda vermelha*, esses soldados livres que escangalharão os bastões dos Marechaes em Ruivães, e que os fizerão passar bem depressa a vau do Tamega; esse Povo,

despertará = o Leão que dorme, não está morto. =

“ Queremos uma Constituição popular;
“ um Rei sem arbitrio; uma representação
“ extensa; uma familia Social; nacionalida-
“ de segura; administração sem opprimir;
“ autoridade com confiança; centralisação
“ com foros; justiça com independencia; fa-
“ zenda regulada; despezas com economia;
“ tratados com industria; reciprocidade sem
“ perdição; ordem sem enthusiasmo; liber-
“ dade sem sofismas ” guarda nacional, li-
berdade de Imprensa com jury, e sem cau-
ções; queremos ordem sem a qual não pode
haver Liberdade, Liberdade sem a qual não
seria a ordem mais que a escravidão organi-
sada, igualdade de direitos sem a qual não
haverá ordem, nem Liberdade senão para um
pequeno numero: queremos que o simples
facto da existencia do cidadão seja o unico
censo para eleger, que a confiança dos elei-
tores o unico censo para ser elegido.

Assim entenderemos nós a Liberdade.

O Povo está em toda a parte, vive en-
tre nós, habita comnosco, não nos deixa, é
a nossa sombra; devemos resolver a solução
deste grande problema contemporaneo — se

o Povo deve continuar a ser espezinhado, ou deve principiar a espezinhar os seus tyrannos.

Que ruim sina é a tua, Povo, tu forte, e valente, tu tantos contra tão poucos, e não sabes defender a tua cauza! *precizas de um homem, de um nome, de um phantasma, da sombra de qualquer couza, com tanto que não seja a tua, para tomares calor por ella!*

Envergonha-te, que já é tempo, deste teo papel passivo: *Civis sum*, gritavão os Romanos, e os *Lictores* tremião.

A leitura da historia é o homem viajando por entre aquelles bosques fabulosos da antiguidade, que vaticinavão o futuro: o painel das miserias que a paixão de alguns homens fazem soffrer á innocente humanidade.

Trice happy you, who look as from the hore,

And have no venture in the wrech you sec.

Trez vezes feliz o que vê da praia o naufragio, e nada tem com elle.

Com quanto não applaudimos tal philanthropia, nos condoemos do infeliz que repetia estes dous versos: não era elle um valido

da fortuna; um monarcha, o desgraçado Ricardo 2.^o momentos antes de ser assassinado, lancando um invejoso olhar atravez da estreita fresta da sua prizão, ambicionava a felicidade do pastor, que tranquillo apascentava na campina o seu rebanho.

As amarguras da vida não distinguem as raças.

Jacques 2.^o tão altivo na prosperidade fugia desacorçoado pelas praias do Boyne, quando ja nada tinha a perder; e o pusillanime Imperador Romano para viver alguma hora mais, escondia-se, com as suas insignias Imperiaes, na cloaca do seu Palacio.

Innocente, ou culpado, nascido para o throno, ou para a charrua, quem quer que tu sejas, desventurado, nós te lamentamos.

Experti invicem sumus, ego ac fortuna.

Não folgamos com o gemer da humanidade, nem victoreamos o Centurião que por mandado de Nero desembainha a espada para assassinar Agrippina — *Ventrem feri* — duas palavras, cuja horrivel sublimidade faz cabecear ainda mesmo o impensante, ! mas para o verdugo que nos quizer flagellar.

I wish if possible to rise the stones

Against the earth's tyrants

quiseramos, como Byron, que as pedras das calçadas se revoltassem contra os tyrannos da terra.

Achastes pouco, Byron os esforços dos animados, ou antes certos como nós, da clemencia dos Povos, quizestes animar as pedras, para que falhando nós, os seus crimes não ficassem impunes?

Hontem assistimos aqui em Tunes á grande festividade do *Melvoude*. festividade instituida por Mourad 3.^o em 1588 em honra do nascimento do Profeta; acabada ella um *Derviche* que nos tem hospedado em sua casa, quiz que lhe explicassemos a nossa forma de governo: quando lhe dissemos, que temos duas camaras uma alta, outra baixa — um ministerio responsavel sem responsabilidade — um Rei-mulher com o veto, que quando lhe apraz, só com a sua vontade paraliza a vontade de uma Nação inteira representada — um Rei-mulher com poderes discricionarios, nomeando, e demitindo a seu bel prazer os Ministros, convocando, ou não, adiando, quando quer, as Camaras — um Rei-mulher que

manda que hajão luminarias, repiques de sinos, salvas de artilharia, e todas as demonstrações de regozijo publico, que manda por um decreto alegrar o Povo, quando elle tem vontade de chorar — uma familia real absorvendo a melhor parte da receita publica; quando depois de lhe termos dito, e bem explicado tudo isto, accrescentamos — O Povo chama-se livre — o pobre *Derviche* apertava a cabeça com as mãos e aos pulos nas almofadas, gritava, *Allah, Allah.*

Entre nós (continuavamos)—o Rei reina, e não governa—aqui o *Derviche* atirou com o cachimbo ao chão, entornou o bello caffè de *Mooka*, e foi tal a expressão de desprezo que nos lançou, que ficamos perturbados, e confuzos.

Reina, e não governa! herrava o Mourro! explica-me estas palavras, Portuguez! e nós mudos, e quedos, e elle a berrar — Reina, e não governa.

Bom *Derviche*! não sabes o que vai pelo mundo.

Não fiques mal com nosco, nem nos retires a promessa que fizestes de nos dares em casamento a tua linda sobrinha Zaara; que é a Moura mais gentil que olhos de homens

teem visto: se Raphael a vira houvera feito de Zaara uma Santa; Tasso a Sua Armida.

Bom Derviche não te enfades com nesco: nos cá estamos em Tunes, e aqui não se presta vassalagem ao Rei — mulher. —

O Telegrapho (pelo passadiço cubico do Manoel Mendes Enxundia) nos trouxe um numero de certo jornal que se publica em Lisboa: nelle vemos as seguintes palavras » empregue o governo a sua *força herculea* contra a *potencia monetaria*; a causa publica, o interesse dos Povos, a honra da coroa portugueza, a salvação do estado assim o exigem.

Desgraçado Paiz, aonde a *honra da coroa* precisa do roubo para se sustentar!

Mizeravel *causa publica*, que só com o roubo podes viver! Mizeravel *interesse dos Povos* que só para o roubo apellas!

Mizeravel *salvação do Estado*, que só o roubo te poderá ainda dar alguns momentos de vida!

Mizaravel escriptor publico que te não

pejastes de estampar em tuas columnas — o
concelho do roubo.

Mizeravel escriptor publico, infame jornalista, que te não envergonhastes de escreveres — Roubemos.

Infame jornalista, homem vil, insolente libelista, não te envergonharas de passeares pelas ruas de Lisboa, depois de teres aconselhado a esse immundo Governo, que entre pelas casas dos pacificos habitantes da Capital, e roube o que achar para sustentar a *cauza publica*!

Vilão redactor do *Correio* queres o roubo? não te farta esses trezentos ou quatrocentos mil rs. que por mez recibes para paga das baixezas que escreves? queres o roubo, apregoas a pilhagem, clamas pelo saque?

Desgraçado, Povo, que consentes a um jornalista tamanho destempero, tam insolente descarro! e não fazes sair de sua casa, por o caminho mais curto, isto é pela janella, o furiozo que tal escreveu, e que invocou o *interesse dos Povos* para sancionar o roubo!

Agaiatado gatuno, nós te desprezamos, e damos parabens á nossa Patria, a esse Paiz

que te nutre, que a tua poltronaria não te permita desenvolver essa tua tendencia roubadora.

Infeliz Nação!

Temos pezar de te não conhecer, indecente Redactor; algum tanto dados á cranologia diagnostica de Lavater, quizeramos ver athé que ponto é em tua testa, saliente a protuberancia do roubo.

Archivamos esse teu numero: só elle basta de sobejo para caracterizar a infamia de quem o escreveu; só elle basta de sobejo para se ajuizar da immoralidade do Governo que apadrinha tal escriptor; só elle basta de sobejo para avaliarmos a degradação da Nação que consente tal escriptor, e tolera tal governo.

Povo deixa os arraiaes de S. Antonio, e de S. João; e vós, mocidade gentil; juventude brilhante, deixai brotar em paz o innocente novillo, que nenhum mal vos fez: aguçai o farpão para o coração dos tyrannos que escravizão a vossa Patria, e não contra essas timidas vezes, que não sabem o que vos quereis dellas.

« Felizes tempos, em que a virtude, e
« a religião, socias inseparaveis, ornavam
« quazi todos os peitos, dominavam quazi to-
« dos os pensamentos, escudavam a justiça,
« protegiam a liberdade, desapparecesteis vós
« para sempre, ou tornareis ainda a appare-
« cer? Ah! vinde, não para destruir aquil-
« lo, que nenhuma culpa tem nos delirios
« dos homens, mas para lhe dar maior firme-
« za; não para aniquilar garantias, mas
« para as tornar realidades; não para irritar
« a intolerancia dos partidos, mas para reunir
« todos os Portuguezes de baixo de uma só
« bandeira.

São igualmente estes os nossos votos: mas
temos visto que se quer retalhar esta nossa
misera Nação, e não ministrar-se-lhe o bal-
samo que cicatrize essas feridas, que ainda
gotejão: em grandes letras de sangue está
escripto o exterminio de um partido que ficou
á quem, e d'outro partido que quer ir álem:
esses dous partidos igualmente votados á mor-
te, cruzem-se, e ambos infelizes em os seus
ensaios, lancem os olhos para essa America
do Norte, e abandone o primeiro a incom-
patibilidade anachronica do seo systema, o
segundo alevante a vizeira, deixe os cami-
nhos tortuosos, falle claro.

Não formes máu conceito de nós, Tullia, nem por o odio que professamos aos tyrannos, tires corollario da nossa maldade: sabe, mulher, que a nossa mão nunca recusou o seo apoio ao infeliz; a nossa bolça ainda não se fechou ao necessitado; os nossos olhos ainda não ficarão enxutos em vista do desventurado: a nossa consciencia não nos acuza uma unica crueldade; não nodeia a nossa vida, desapercebida como é ella, uma unica baixeza: desvios turbulentos de uma mocidade frenetica, e sem Mentor, lançaram sobre nos, indevidos preconceitos, imneritos prejuizos: a sós no mundo, sem um amigo que guiasse nossos passos, sem uma unica mão para apertar cordialmente a nossa, sem um unico coração que sentisse as pulsações fortes do nosso, desvairados corremos soffregos as aventuras da terra; e na flor dos annos, quando a vida começa apenas a dezabrochar, nos achamos qual Pellicano, que salto de alimentos exteriorres, nutre-se da sua propia substancia.

Varias terras hemos corrido, varios Povos hemos estudado: ja nos hospedou a humilde cabana do Illinez, ja nos assentamos no Wigwam do Huron, ja comemos sobre a mesma pelle com o Cayuga: longos dias habitamos a Armorica, vagueamos horas esqueci-

das por entre as brenhas da Bretanha, nos mesmos logares aonde talvez os Druidas celebravão, quando foragidos, os mysterios da sua Religião; e ainda, ha pouco, antes de desembarcarmos em Tunes, visitamos a Andaluza: em Granada os nossos credulos olhos de balde procurarão no pavimento de marmore da salla dos Abencerrages o sangue dessa infeliz tribu, assassinada por ordem do Rei Boabdil: na estrada de Coin com respeito saudamos *l' Hacienda de la Alqueria*, aonde Torrijos, e os seus 52 camaradas forão barbaramente fuzillados: do nosso confronto a vantagem é toda do selvagem: aos civilisados diremos com Machiavel,

Sono tanti semplici gli uomini. che colui che inganna trova sempre chi si lasciara ingannare.

O Desejo de correr novas terras nos trouxe a Tunes, e com quanto vivamos entre Mouros, ainda não renegamos, e merce de Deos, não renegaremos, a Religião santa de Christo: ja deixamos crescer a nossa barba, ja calcamos ligeiras bottas de marroquim, ja trajamos á Mourisca, e breve a linda *Zaara*, trocando o seu Koran por o nosso Evangelho, será nossa companheira.

A Deos, Tullia: a verdade é bem stomachal, e preventiva, no entantodesagrada, não nos admirará pois que as reflexões do Gracco te amarguem: se nos quizeres responder, ou refutar as nossas excursões mentaes, faze-o com venia, e boa paz, e sem quebra de respeito; se nos insultares responderemos com insolencia, tu bem sabes que sendo o insulto um privilegio, a insolencia é um direito: se nos escreveres põe assim o subscripto, que é a maneira mais certa de recebermos a tua carta.

AO DÉRVICE ALY

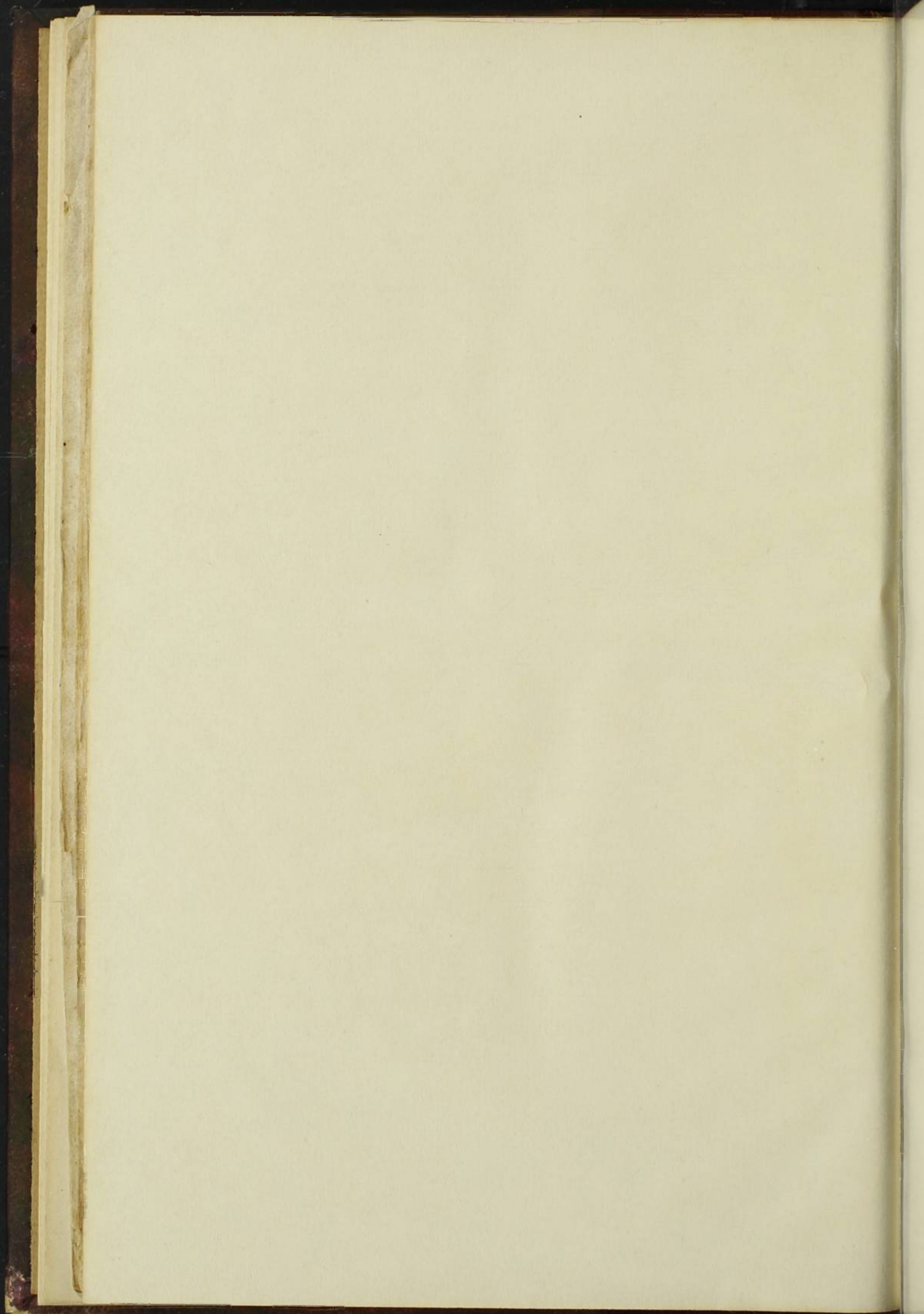
rua de Al-Eyoub, em frente da Mesquita de Achmet

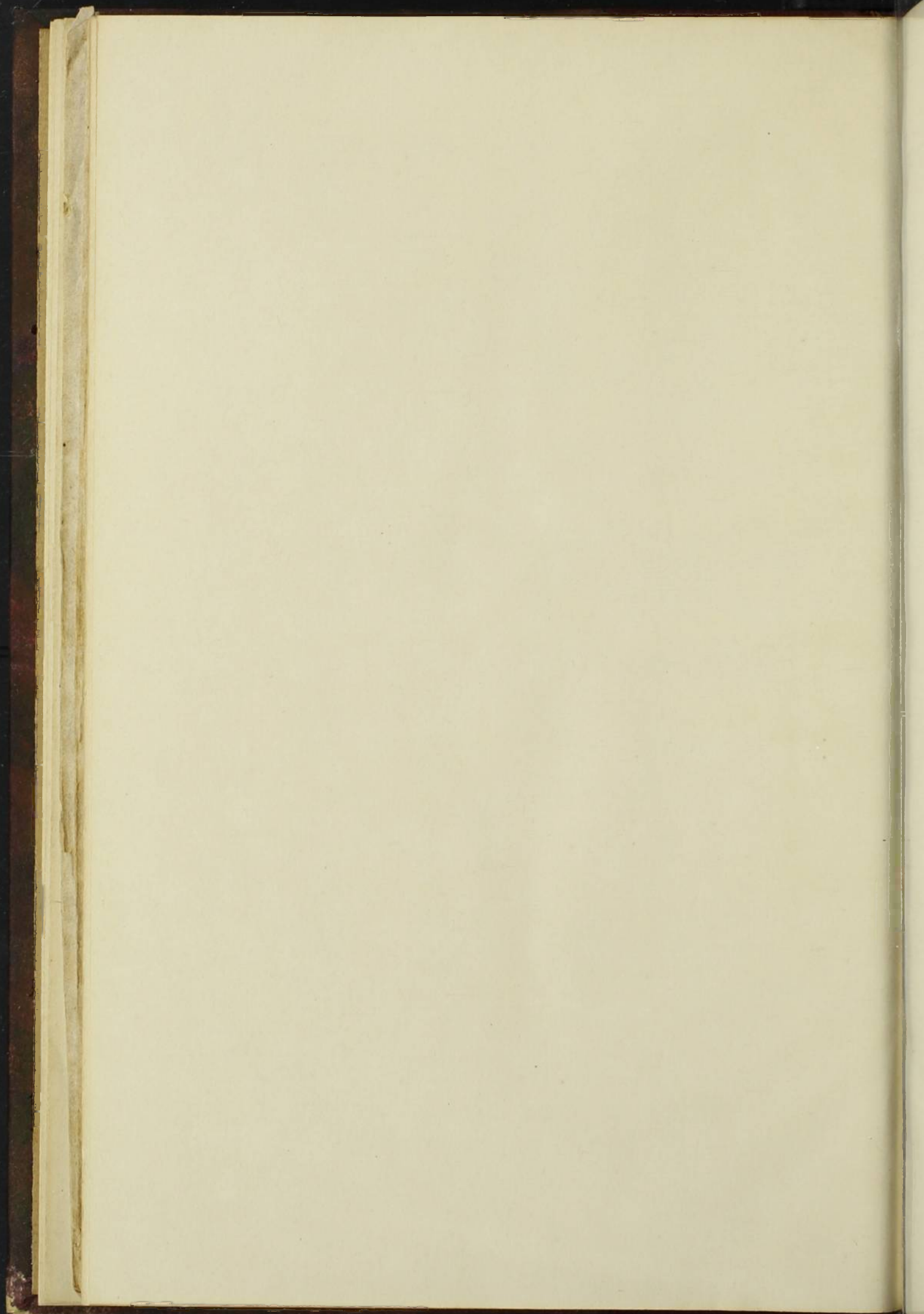
TUNES.

Estamos convidados por o *Derviche* para darmos amanha com elle, e a encantadora *Zaara* um passeio, no seu chaveco em redor do golfo de *Hammamet*, e em seguida iremos passar alguns dias, a ilha de *Kerkeni*, ao muito tardar por todo o mez que vem, voltaremos a Tunes, ás tuas ordens.

A DEOS.

45





17581

